

# Morte social

**O** convívio social é condição de interação humana. Socialmente, nos é imposta uma série de obrigações, e vamos nos submetendo a elas para receber aplausos, carícias e confirmações da nossa existência. Vamos nos comprometendo com uma sucessão interminável de obrigações e de aquisições que permitam a entrada e a aprovação na seara social.

Há a hipervalorização do ter e pouca atenção ao ser.

Morte social é deixar de ser lembrado, não ser reconhecido, não ser incluído, ser desprezado, ser esquecido, ser tratado considerando somente a posição que ocupa em uma rede hierárquica de prestígio e de poder social.

Passa-se a consumir a vida em favor das exigências e das expectativas sociais de termos o ideal de sermos perfeitos. Uma vida consumida pelo ideal de perfeição torna-se árida, desperdiçada. Essa aridez se dá pelo aprisionamento às expectativas, julgamentos e condenações externas. Quando se recebe esse tipo de validação, fica-se em

alta e a estima sobe, mas, se frustrados, a estima baixa. Não é uma autorreferência, e sim atendimento às expectativas e pressões externas. Deixa-se de perguntar o que faz sentido, o que se pode aprender a respeito de si. O que passa a valer é o que é mais aplaudido.

Há a morte da fecundidade, a da criatividade e a da presença. Torna-se um eu mesquinho, variando entre ser esperto, se atende às exigências sociais, ou bobo, se fica em débito com tais expectativas.

Só vive quem se reinventa no dia a dia, utilizando as experiências positivas e, também, as negativas para aprender de si. Morremos socialmente quando ficamos olhando para os outros com a intenção de conhecer o outro, para suborná-lo ou nos submetemos a ele e tirar algum partido.

A morte social resume-se a uma série de ações que não são satisfatórias à vitalização. Tornamo-nos reféns da ganância de angariar e acumular aplausos. A força da vida passa a se fragilizar e tende a se deteriorar caso não

haja um investimento amável e respeitoso.

Precisamos fazer o luto da ilusão de perfeição para entrar na vida. Uma vida que germina é a que vai buscar sentido, atualizando-se e aprendendo de si.

Uma vida fecunda se coloca a serviço, cujo pagamento não é a prisão ao reconhecimento social; a maior gratificação é a execução do serviço. O maior prêmio do amor é o amar, sem exigência de que haja retribuição.

Escutar é conversar para evitar imaginar e projetar visões distorcidas, alimentar preconceitos e destruir possíveis pontos de atrito e de oposição.

Vale aumentar a cordialidade. O início da sabedoria é compreender que há outros pontos de vista. A intolerância é a antessala da violência.

A vida que recebemos nos convoca a construí-la e sermos parceiros do bem estar. Que a tristeza e a amargura se desdobrem na coragem de ter alegria, na misericórdia e na qualidade de vida.